

O Convite ao Altar e a Chamada Eficaz

Sam Hamstra, Jr.

O “apelo” é uma técnica decisionista, que se propõe a levar um indivíduo a um maior nível de comprometimento com Cristo. Implica numa atividade externa que confirma um impulso interno. Um típico e comum “convite ao altar” é o apelo que é feito por um pregador para que se creia em Jesus, e em seguida confirme essa decisão através de um “ir à frente”, a um local determinado, com uma visível manifestação de uma invisível decisão, acrescentando-se, a seguir, instruções.

A Origem do Chamado ao Altar

Os primeiros registros do apelo são encontrados nos idos do século XVIII entre as congregações das Igrejas Metodistas Episcopais. Na arquitetura anglicana tradicional, a área em frente à mesa da comunhão, à frente do santuário, é chamada de altar. Ocasionalmente os pregadores chamavam aos pecadores “tocados” para virem à frente do santuário que era o altar. Alguns anos mais tarde os metodistas organizaram as reuniões de acampamento com os “bancos dos ansiosos” que substituí o altar. Pecadores tocados eram convidados a preencherem os bancos reservados (ou cadeiras) à frente a fim de receberem instruções específicas sobre arrependimento e fé, enquanto o restante da congregação permanecia em oração especificamente pelos decididos. O aparente sucesso desta técnica, levou sua adoção pela grande maioria dos evangelistas itinerantes do Segundo Grande Despertamento, incluindo o infame Charles Finney. Os pastores locais costumavam convidar evangelistas itinerantes aos seus púlpitos, e começaram eles mesmos a fazer os tais apelos ao concluírem seus sermões. Pressionados pelo sucesso numérico dos itinerantes, ou pelos membros de suas igrejas que sinceramente desejavam uma obra do Espírito Santo em suas congregações, estes homens adotaram o que veio a ser chamado pelos evangelistas itinerantes de a “nova medida”.

Para o pelagiano Finney, como para os outros arminianos proponentes do apelo ao altar, o pregador é aquele que deve aplicar qualquer meio necessário para levar um perdido a Cristo. Para os que confessam oposição ao apelo ao altar, o pregador é o proclamador das Boas-Novas, que espera humildemente (o chamado eficaz da parte de Deus) Deus chamar eficazmente o ouvinte à fé verdadeira. Esta posição não é uma desculpa à suposta frieza, pregação sem paixão, ou um suporte para falta de amor aos perdidos. Em vez disso, afirma-se a convicção de que a conversão depende da regeneração que é um dom gracioso de Deus.

O Espírito sopra onde quer, mas Deus deixou claro que Ele não age fora da Palavra. Assim a tarefa do pregador é proclamar a Palavra.

A Alternativa Reformada

Se os cristãos reformados estão convencidos pelos argumentos dos seus predecessores, como então deveriam evangelizar? Os métodos evangelísticos

podem ser criativos, mas cada um deles deve ser consistente com pelo menos, quatro princípios:

Primeiro: os esforços evangelísticos deveriam refletir humilde dependência de Deus, o autor e consumidor da salvação. Sabemos que antes, sem Cristo, estávamos mortos em pecado. Mas Deus nos amou, nos escolheu, eficazmente nos chamou e, assim, como pecadores vivificados, pudemos ouvir o Evangelho e responder em arrependimento e fé. Somos justificados. Sabemos também que nossos esforços não serão capazes de nos manter em Cristo, contudo, Deus, que começou a boa obra, há de completá-la. Nossos esforços evangelísticos deveriam atentar para esses aspectos e não invadir o terreno daquilo que só Deus pode realizar.

Segundo: os esforços evangelísticos dos crentes reformados deveriam refletir confiança no poder do Evangelho, especialmente deste que é exposto pelo pregador ou evangelista. Nós sabemos que a fé vem pelo ouvir ao Evangelho. Nós cremos que Deus está trabalhando nas vidas e corações daqueles que, em amor, são predestinados para adoção de filhos através de Jesus Cristo. Nós confiamos que o Evangelho proclamado irá cair nos ouvidos do pecador trabalhado pelo Espírito de Deus, a fim de responder com arrependimento e fé.

Terceiro: nossos esforços evangelísticos devem presumir que há sempre mais do que nossos olhos podem ver. A ordem divina da salvação começa atrás dos bastidores com a eleição de Deus, que por sua vez leva à chamada eficaz, a justificação, santificação e por fim a glorificação. Estes atos graciosos de Deus não aparecem até que o indivíduo renda-se a Cristo. E de outro lado, Jesus, na parábola do semeador, nos adverte contra a precipitação de se admitir que qualquer pessoa que declara receber a Cristo, seja um crente regenerado. Nós deveríamos, então, resistir à tentação de tratar a questão da evangelização de forma quantitativa.

Quarto: Nossos esforços evangelísticos devem refletir um profundo comprometimento com o ministério regular da igreja, à disposição de todos os fiéis. Um bebê recém-nascido não fica sob os cuidados dos especialistas em uma sala até a liberação? Mas ele é logo levado para o seio da mãe a fim de receber nutrição. Assim também acontece com um crente nascido de novo. Não deveriam conduzir novos convertidos a um altar de estranhos (outra igreja de convicção diferente), mas à família de Deus, onde eles possam receber um senso de acolhimento, de apoio para desenvolver a sua vida cristã até a maturidade em Cristo. Nossos esforços evangelísticos, portanto, devem refletir nossa confiança no ministério regular da igreja, que é demonstrado pela rápida introdução do novo convertido à igreja local.

Ainda Sobre A Igreja Local

Quando ainda adolescente, participei de uma reunião para jovens, realizada em Bazemar, Montana. Em uma das reuniões eu estava sentado em uma das últimas fileiras dos assentos, de um grande anfiteatro, que na última noite tinha abrigado uma apresentação de rodeio. Um pregador, que também era cantor, chamado Jim Bolden, desafiou-me a crer em Jesus Cristo. Ele cantou “agora, agora, entrega sua vida agora”. Louvo a Deus que, por sua graça, eu respondi àquele convite para ser um discípulo de Cristo. As instruções que recebi, naquela ocasião, lembro-me,

foram para que compartilhasse minha decisão com meu pastor e presbíteros. Então, fui para casa, entrei para a classe dos catecúmenos, já em andamento, e publicamente professei a minha fé, diante dos presbíteros e dos demais membros da igreja.

Fico pensando o que seria, se tivesse atendido a um apelo, levantando-me do assento e caminhando até a frente. Há poucos anos, antes daquela memorável conversão, Billy Graham fez o apelo no estádio de McCormick em Chicago. Eu pensei seriamente em ir, mas permaneci sentado. Também fico imaginando se Jim Bolden tivesse feito uma Chamada ao Altar, e eu tivesse respondido, que diferença isto teria feito. Bem, o comitê organizador da cruzada e das “conversões” teria uma estatística das decisões que poderia mostrar aos burocratas da denominação. Acho que meu nome seria colocado na mala-direta para receber material de discipulado do escritório da denominação, uma prática que bem poderia ser interpretada como falta de confiança na capacidade da minha igreja local. Acontece que Jim Bolden não fez esse tipo de apelo. Ele encorajou-me a voltar para minha igreja. Pela graça de Deus, eu cri e pela graça de Deus fui preservado na fé.

Agora, eu prego toda semana. Às vezes tenho a tentação de conduzir o sermão com um apelo. Pensando bem, acho que a tentação vem da minha própria fraqueza: meu desejo de ter uma segurança visível de que Deus está me usando como instrumento de sua graça. Pode ser também fruto do meu orgulho, o maior perigo na atividade de pregador. Seja qual for o motivo, estou decidido a deixar essa técnica decisionista com aqueles cuja teologia precisa disso.

Mesmo correndo o risco de parecer elitista, digo que minha Teologia Reformada encoraja a simples apresentação do Evangelho, tão somente na humilde dependência do Deus trino. Com essa convicção, oro para que humildemente eu me submeta à Palavra de Deus, tendo uma única ambição, que é um verdadeiro encontro do Cristo vivo com as pessoas assentadas nos bancos. Finalmente, minha pregação pode não ser “sábua e persuasiva”, mas oro para que pela graça de Deus, aconteça aquela “manifestação de Espírito e poder”.

Sobre o autor: Dr. Sam Hamstra, Jr é PhD pela Universidade Marquette e Pastor da Igreja Cristã Reformada de Palos Heights, Illinois.

Fonte: Revista *Os Puritanos*, ANO XI – N° 4 – Outubro a Dezembro - 2003.